

# CIÊNCIAS HUMANAS E AUTONOMIA

José Mário Angeli

Prof. Dr. do Departamento de Filosofia da  
Universidade Estadual de Londrina

Júlio César Campano Floriano

Aluno do curso de Ciências Sociais na  
Universidade Estadual de Londrina e bolsista do PIBIC-CNPQ

Juliana de Barros Cerezuola

Aluna do curso de História e bolsista de IC na  
Universidade Estadual de Londrina

Daniel da Rocha Medeiros

Aluno do curso de Ciências Sociais na  
Universidade Estadual de Londrina

Sandro Heleno Moraes Zarpelao

Aluno do curso de História na  
Universidade Estadual de Londrina

Suellen Muniz Coelho

Aluna do curso de Direito na  
Universidade Estadual de Londrina

## Resumo

Esta comunicação apresenta as discussões realizadas com o grupo de estudos do projeto “Pressupostos ontológicos do modelo de convivência anarquista no rompimento do paradigma da ciência contemporânea”. O grupo de estudos é formado pelos autores deste texto, que tem por objetivo analisar as Ciências Humanas tendo como pano de fundo o desenvolvimento histórico social do capitalismo. Apanhar no paradigma das ciências a sua ruptura. A unidade entre elas não está nas especificidades existentes, mas na forma de compreender o homem. Esta implica na busca de “conhecimento diferente”, capaz de superar e ultrapassar as suas especificidades.

**Palavras-chave:** paradigma; dialética; autonomia; saberes

“Quando secam os oásis utópicos  
estende-se um deserto de banalidades”  
(HABERMAS).

**A**s Ciências Humanas tratam das relações do homem com os outros homens e dos homens com o universo. Fazem parte dela a filosofia, a sociologia, a história, economia, política e as literaturas, etc... que ocupavam um lugar de honra nas universidades até meado do século XX. Mas, neste último quarto de século, com o avanço das ciências naturais e da tecnologia, elas passaram para uma posição secundária nas instituições universitárias.

No mundo grego, século IV a.C., Aristóteles entendeu a ciência como um saber crítico, abstrato e objetivo que lhe impõe a exigência da verificabilidade (ARISTOTELES, 1969). Aristóteles elaborará um *corpus* de disciplinas específicas que virão a ser, sistematicamente, organizadas e denominadas Ciências Humanas. Com a chegada do Renascimento e do Iluminismo animados pelo espírito de sistematização tanto do conhecimento das ciências físico-naturais como das do espírito, aplicam-se aos estudos do homem e da sociedade os métodos científicos propriamente ditos que anteriormente haviam sido elaborados no campo das ciências naturais.

Conseqüentemente, o projeto unitário do mundo grego será desfeito com a chegada do Iluminismo, e, particularmente, com o desenvolvimento do capitalismo, passou a demandar uma reestruturação das ciências para que pudesse responder às novas necessidades.

O projeto de Marx & Engels irá desfazer o mito grego do conhecimento abstrato e construir uma estruturação institucional das diversas ciências, admitindo o modo de produção e a reprodução da vida social, como forma de resolver o enigma do mundo grego. Então, quando Marx & Engels passaram a investigar “a anatomia da sociedade burguesa”, ela parece estar presa à base epistemológico-científica geral, uma vez, que é sustentada na economia política como forma de superar o dualismo existente do modelo científico de interpretação dos acontecimentos sociais.

Aquele modelo de interpretação aristotélico prevaleceu até o final do século XV e somente no século XIX surgiram as Ciências Humanas. O objeto das Ciências Humanas como afirma Chauí é bastante recente: “o homem como objeto científico foi uma idéia surgida apenas no século XIX. Até então, tudo quanto se referia ao humano, era estudado pela filosofia” (CHAUI, 1994b, p.281).

O aparecimento das Ciências Humanas irá compor um campo de disciplinas e ter como objetivo tirar o homem da abstração da metafísica e inseri-lo numa abstração diversamente científica e até alienante. Isto era tão importante quanto o desenvolvimento das forças produtivas de libertar o trabalho humano da exploração capitalista alienante e do trabalho assalariado em expansão (COGGIOLA, 2002, p.151).

Portanto, por um lado, pode-se dizer que as Ciências Humanas se apresentam, como um desenvolvimento sustentado num conjunto de abstrações teóricas e desarticuladas e que servem para dar suporte pragmático e utilitário ao sistema capitalista em pleno desenvolvimento e, por outro que, quando Marx & Engels estão propondo um desenvolvimento unitário das teorias sociais, eles estão pensando na “superação social da divisão entre trabalho manual e intelectual que poderia encontrar base histórica real cujo projeto viram desenhar-se no próprio desenvolvimento histórico: as ciências naturais abrangerão as ciências do homem e haverá uma só ciência” (COGGIOLA, 2002, p.153) a história.

O desenvolvimento do capitalismo passou a demandar também o desenvolvimento das Ciências Humanas. Esta demanda implica numa pura adaptação às contradições sociais do capitalismo, isto é, numa atitude técnica de compreensão da realidade, de tal forma que o desenvolvimento das Ciências Humanas ficou circunstanciado ao desenvolvimento do capital e, com o advento da globalização econômica e a submissão dos países à lógica de mercado, permitiu ainda mais que se aprofundasse a formação técnica – o saber fazer – em detrimento da reflexão crítica.

A reformulação da maneira acumulativa e reprodutiva do capital, permitiu, no entanto, colocar para as Ciências Humanas novos desafios e novas perspectivas. No momento em que as universidades discutem a reestruturação de seus cursos, como exigência do Ministério de Educação, nada melhor que colocar algumas questões para não se perder numa

pura abstração: seriam as Ciências Humanas úteis para esta sociedade? Ou as Ciências Humanas teriam algo com que contribuir para esta sociedade? Ou ainda, como refletir as Ciências Humanas, neste contexto de economia global?

### **Ciências Humanas e heterodoxia institucional**

A crise das Ciências Humanas não é novidade. Ela pode ser constatada historicamente. Freud diagnosticava-a no “mal-estar da cultura” no início da década de trinta (FREUD, 1981) e Max Weber no “desencanto do mundo” (WEBER, 1972, p.51). Marilena Chauí (1994a) diagnosticou a crise das Ciências Humanas no modelo capitalista. Afirma ela: “a medida que o modelo de produção capitalista transformou a ciência e a tecnologia em forças produtivas, não só tornou obsoletas as humanidades, como passou a exigir mudanças das próprias universidades segundo as realidades históricas”.

Este fato também está corroborado no artigo de Miriam Limoeiro sobre “o mito do método”, ou seja, do conhecimento. Segundo Miriam “a ciência contemporânea, de que a epistemologia cartesiana já não consegue dar conta e em que o fato mais significativo é o desenvolvimento do método estar-se fazendo cada vez mais no interior da mesma, apresenta a questão de forma bem mais complexa, tendendo sempre a se concretizar” (CARDOSO, 2000). Para ela, o método por si só não é suficiente para se obter os resultados desejados do conhecimento; logo permite-nos inferir uma crise na ciência e por decorrência, das Ciências Humanas.

A origem da crise nas Ciências Humanas reporta-se à crise do modelo de ciência. Notadamente, iremos encontrar nas Ciências Humanas aquele modelo remanescente que veio do século XVI. Trata-se do modelo “newtoniano” e do modelo “cartesiano” que estabelecia certezas imprescindíveis para as nascentes ciências da natureza e do espírito. O primeiro aparece fundado na noção de hipóteses das quais o cientista se valia para desvendar o presente e atingir o universo da criação; o segundo reforça, por meio da irrecuperável relação dualista

entre a natureza e o homem, entre matéria e espírito e entre o mundo físico e espiritual, o domínio do homem sobre a natureza.

Este modelo sustentou as Ciências Humanas desde o século XVIII até o último quarto deste século. Segundo Chauí ele está enfraquecido. Tanto nas “ciências do espírito” como nas “da natureza” parece que ele dá sinal da sua deterioração. Por um lado, quando a superioridade das interpretações qualitativas prevalece sobre a precisão das análises quantitativas, por outro, quando o conjunto de ciências que compõe este modelo se apresenta para a sociedade de forma desagregada e desunida.

Esta profunda desagregação do modelo no interior das ciências, conseqüentemente, tem levado também a fragmentação da compreensão social. Assim, podemos dizer que as Ciências Humanas estão vivendo o seu pior ultraje que possa ter recebido da inteligência humana: a parcelação e a especialização.

Agravada pelo ambiente “ideológico do niilismo do pós-moderno” e pelo domínio do “tecnocratismo neoliberal” que tentam explicar as mudanças da sociedade, as Ciências Humanas acabaram sofrendo certo desprezo por parte dos pesquisadores socialmente comprometidos com a transformação social.

Segundo Jamenson, a crise aparece anunciada por certos teóricos sociais, como sendo conduzida por uma forma de análise desta sociedade. Isto é, há uma crise nas Ciências Humanas, porque há uma crise na análise desta sociedade. Esses teóricos teriam conduzido a situação reinante de hoje ao pós-moderno, com uma forma de pensamento único, influenciado pelo estilo de reflexão que se submergiu a vertiginosa dinâmica do capitalismo globalizado, no qual as teorias sociais parecem suscitar um cansaço e até um desprezo da parte de muitos cientistas sociais (JAMENSON, 2001).

Segundo Jamenson, muitos cientistas sociais acabaram presos a uma leitura da realidade na qual os fatos aparecem mediados pela linguagem tão somente. Influenciados pelo filósofo alemão Heidegger imaginaram uma visão de mundo e um modo de conceber o homem que fosse capaz não só de simbolizar a realidade e de produzi-la, mas que rompesse com as determinações históricas das condições materiais de seu tempo (HEIDEGGER, 1990).

A partir de Heidegger, os fatos ganharam uma nova dimensão. Eles passaram a ser compreendidos pela mediação da linguagem. Isto certamente trouxe um elemento a mais na complicada compreensão do mundo. A linguagem deixou de ser um elemento historicamente determinado para ser um instrumento natural na explicação do mundo. E com isto, as várias teorias que foram elaboradas com a compreensão da totalidade para explicação dos eventos, hoje aparecem como sendo peças de museus.

Entendemos que os paradigmas são chaves interpretativas para a compreensão daquela sociabilidade fugitiva e sempre em movimento. Enquanto afirmação da sociabilidade e dos conceitos do mundo, significa a afirmação da crença nos valores recebidos ou nos valores inerentes às coisas e ao movimento social, pois do contrario poder-se-ia chegar ao “ceticismo gnoseológico radical” de Wittgenstein, tecnicamente muito bem justificado, mas que inviabiliza toda a filosofia e toda a ciência (WITTGENSTEIN, 1968).

Por isso, a busca de um paradigma parece ser importante para a superação da crise, mas não é suficiente. Para tanto importa visualizar os fatores que evidenciam esta crise. É possível identificar alguns fatores que vieram agravar a crise existente no seu interior. Podemos identificar pelo menos três fatores: o primeiro é que as teorias estão radicalizadas na “heterodoxia institucional” em virtude da qual o ensino, a pesquisa e a extensão, estariam presos aos modelos newtoniano e cartesiano, hoje considerados antiquados. O segundo fator está na forma como o capitalismo tem se desenvolvido nos “países emergentes”, que, subordinados ao Fundo Monetário Internacional, aceitam desenvolver pesquisas segundo o padrão desta instituição. E o terceiro fator está na valorização da prática em detrimento da teoria, exigida pelas instituições de pesquisas, onde as pesquisas nas áreas das Ciências Humanas acabam não tendo sentido (BORON, 2001), e em razão dos baixos salários, orçamentos insuficientes das instituições públicas e urgências em obter os resultados desejáveis para o capital, levam as Ciências Humanas a uma situação de “entra lixo e sai lixo”.

Tudo isto tem desvalorizado o trabalho do cientista das humanidades e tem condicionado negativamente a qualidade da produção intelectual nas Ciências Humanas, de maneira que as organizações fomentadoras da pesquisa passaram a valorizar muito

mais a quantidade produtiva em detrimento da qualidade. Assim, o que conta é, sobretudo, o número de “papers” publicado pelos pesquisadores. Esta realidade levou os pesquisadores a dedicarem o seu tempo para os cursos de especialização, *lato sensu e stricto sensu*. Segundo Wallerstein (1998), o cientista social neste final de século tem procurado refúgio na especialização.

A prática heterodoxa tem levado os sujeitos consciente ou inconscientemente a desenvolver, no âmbito das universidades, uma supervalorização do praticismo. Isto também acaba criando uma certa aversão à teoria. Conseqüentemente, aquelas teorias que teriam a pretensão de explicar a sociedade em seu conjunto foram abandonadas e por isso o refúgio das Ciências Humanas na “especialização” auto destrutiva: estuda-se a árvore, ignorando-se a presença da floresta, no dizer de Hegel.

A heterodoxia fica ainda mais clara quando se volta para a compreensão do corpo de disciplinas no interior de suas especificidades. Percebe-se que ali os indivíduos reforçam o campo da compartimentalização e na maioria das vezes as disciplinas não tem nenhum vínculo entre si. Segundo O’Donnell (1996, p.17), a compartimentalização serviu para “reafirmar o caráter natural dos princípios do *laissez-faire*, racionalista e abstrato presente na ideologia dominante na sociedade globalizada.”

### **Ciências Humanas e o resgate da dialética**

O primeiro desafio consiste em se rebelar contra as teorias sociais que expressam “a razão do único” ou a “razão instrumental”. Significa dizer que as Ciências Humanas não poderão conformar-se com a inteligibilidade de uma sociedade fragmentada. Para tanto, parece ser importante recompor o conceito da “autonomia do social”, isto é, dos indivíduos, grupos sociais e instituições, como forma de romper com a relação de domínio. Entendemos a autonomia como a capacidade de agir deliberadamente e explicitamente para modificar a lei, isto é, a forma de atuação destes indivíduos, instituições e sociedade.

Neste sentido, trata-se não só de afugentar a visão “holística” e a “organicista” do conhecimento presente nas Ciências Humanas, cuja preocupação tem sido a negação das classes nesta sociedade capitalista global, como se isso nada tivesse a ver com o dinamismo da instituição universitária, como também de reafirmar a idéia da contradição como categoria capaz de criar a “unidade na diversidade” nesta instituição. Isto significa dizer que a contradição nesta sociedade, cujas bases estruturais e superestruturais compostas por sujeitos históricos reais que criam o processo de produção e reprodução social (KOSSIK, 1976, p.74) estão presentes na universidade.

Hegel nos ensinou a pensar diferentemente daquele modelo newtoniano e cartesiano em que o objetivo era de domínio, simplesmente. Ele nos ensinou a pensar historicamente e nos legou as bases da dialética. Pode-se dizer que com ele iniciou-se um novo período na história do pensamento humano no qual as Ciências Humanas constantemente mudam segundo a ordem das coisas no tempo e no espaço.

Seu pensamento historicista iluminou Karl Marx & Engels através de Feuerbach e, por sua vez, influenciou Freud, quando este, em 1921, incorporou o historicismo evolucionista abrindo as portas para uma nova visão mais abrangente da psicanálise no início do século. É o que entende, BLOCH (1949) quando diz: “a dialética tem deixado de ser uma loucura esquecida para converter-se num escândalo vivo”.

Recorpo o ensino da dialética nas Ciências Humanas parece ser o segundo desafio do presente. Ela, como portadora de um referencial histórico e de práticas humanas na sociedade, muito contribuirá para compreensão dos desvios da civilização ocidental. O fato de possuí-la como referência significa lembrar as mais desvairadas teorias políticas de direita nas quais o Estado autocrático e onipotente do alemão Scheler, viria subjugar intelectuais como o espanhol Ortega Y Gasset e, quiçá fazer lembrar com um pouco de tristeza a Hans Gunther, o antropólogo do regime nacional socialista, professor da Universidade de Yena e defensor do pan-germanismo, doutrina de um egoísmo racional exacerbado (GUNTHER, 1923), bem como as teorias políticas de esquerda presente na concepção stalinista de Estado autoritário. Ter-se-ia nestes exemplos a degradação do evolucionismo filosófico que, sem dúvida, teria muito entristecido a Marx e ao mestre Hegel.



Entretanto, tais percalços não podem ser atribuídos ao criador da dialética. O progresso e o regresso do pensamento ocidental não podem ser imputados a Hegel, Marx & Engels, propulsores da dialética. Seria uma insensatez de nossa parte. Antes, se deva levar em conta que os leitores de suas obras estavam mergulhados em hábitos puramente empiristas, mecanicistas, positivistas, todos quantitativamente refinados e reforçados pela filosofia metafísica, através de vinte séculos de procura.

Todos estes leitores, desde os enunciados socráticos, buscavam na “idéia de criação imaculada” o princípio da racionalidade do pensamento ocidental. Esta prática levou os filósofos a desenvolverem o conteúdo da idéia criadora imaculada em aberta contradição com a natureza. De fato, Hegel evidencia a idéia como elemento criador da sociabilidade, e assim pensou em algumas das etapas da incansável viagem da idéia realizando-se a si próprio na explosão do mundo.

Desde a fenomenologia do espírito à fenomenologia da experiência, a consciência se realiza concretamente sobre si mesma e nunca sobre outra coisa. A consciência é por um lado a consciência do objeto e, por outro, parte da consciência de si própria, consciência do que é para ela verdadeiro e consciência do seu saber acerca disso (HEGEL, 1942). O que vale dizer que o movimento da realidade social continua presente e atuante nas consciências. Mas, foram Marx & Engels que colocaram a dialética no seu verdadeiro lugar. Isto é, não mais a idéia como explosão do universo, mas a matéria com todas suas implicações sociais.

Embora esta concepção hegeliano-marxista não tenha sido suficiente para a compreensão da realidade humana, até porque ela ficou praticamente presa ao paradigma atomista e mecânico dos séculos XVII e XVIII, no século XX, a compreensão desta realidade será transformada em paradigmas emergentes e relativistas, desafiando ainda mais a inteligência humana.

É neste contexto que nós nos perguntamos: que paradigmas estariam sendo elaborados nas Ciências Humanas para darem vida a uma totalidade integradora que pudessem compreender as contradições sociais e possibilitassem o seu afloramento no capitalismo global no início do século XXI ?

Parece que do ponto de vista da realidade das Ciências Humanas, elas insistem em reafirmar antigos paradigmas, mesmo quando elas acolham conceitos como o de “direito” e de “cidadania” que são fundantes de nossa sociedade, como observou Paoli (1989) querendo atribuir um caráter coletivista à compreensão da sociedade. Então, teríamos um processo de continuidade com o modelo antigo e não uma ruptura. Contudo, percebe-se que há um descompasso entre a idealização da compreensão social e a realidade social capitalista. Este descompasso tem marcado nossos intelectuais, pois, ao fazerem uma opção por um paradigma de caráter holístico, organicista ou dialético, eles acabam sempre empobrecendo a realidade.

Se o papel do intelectual for fazer a crítica do conhecimento para que ele possa vir a ser compreendido no processo da produção e não simplesmente fazer dele algo que possa vir a ser aplicado à produção e as forças produtivas, pensamos que estamos muito longe daquela realidade já que muitos intelectuais pensam somente na eficiência e na performance para o capital.

Em contrapartida, trata-se de fazer um “conhecimento diferente” capaz de superar a heterodoxia acadêmica e apontar para a superação desta sociedade capitalista. Pensamos ser este “o oásis da utopia das Ciências Humanas”, porquanto o que estamos vivenciando nas universidades, quando se propõe uma “reestruturação curricular” de nossos cursos, com “o objetivo de desenvolver as competências individuais e não o acúmulo de informações de nossos alunos” (SOUZA, 1999), as Ciências Humanas são tomadas como capazes de desenvolver a “transversabilidade” e a “interdisciplinariedade” sem levar em consideração a sua especificidade e a sua universalidade que, acima de tudo, é fazer a crítica desta sociedade e apontar valores que rompem com os neoliberais.

O que significa dizer que o papel do intelectual será, certamente, romper com a teimosia do neoliberalismo, quando este celebra a “vitória do capitalismo” sobre o socialismo e com ele o “fim da história”, bem como do triunfo do mercado e da democracia liberal, porque ele deverá encarregar-se de desmentir “verdades” proclamadas por aquelas entidades sem negar a continuidade das lutas populares e de suas organizações autônomas e independentes.

Por um lado, trata-se de romper com o positivismo em que a sociedade aparece assimilada à natureza e às ciências e, concomitantemente, acentua uma profunda identidade entre a vida social e os pressupostos que regem o funcionamento dos corpos físicos, naturalizando e harmonizando o que existe na sociedade. Ainda, trata-se de romper com este positivismo que identifica sociedade e natureza e busca obedecer, em seus movimentos, a uma legalidade natural, invariável e imutável, atribuindo à sociedade o fato de ela ser regida por uma lei natural. Por outro, trata-se de buscar uma epistemologia que supere o caráter determinista do materialismo histórico e dialético como foi feito por simpatizantes e tradutores. Portanto, trata-se de recuperar os conceitos do senso comum que estão sendo apresentados pela sociedade, não de recuperar mecanicamente, mas sim de adaptar cada conceito às diversas peculiaridades e à tradição cultural, como pensou Gramsci (1978, p.202):

Encontrar a real identidade sob a aparente diferenciação e contradição e encontrar a substancial diversidade sob aparente identidade é uma delicada tarefa do crítico das idéias e do desenvolvimento histórico, as vezes até, incompreendido.

Significa, assim, buscar a unidade das Ciências Humanas indo além das suas especificidades, até porque os seus diversos pontos revelam um grande parentesco na evolução das idéias que nelas subjazem, haja vista, a questão da ecologia que pode vir a indicar a superação das barreiras entre as ciências (ROSS, 1994, p.265).

### **Ciências Humanas e autonomia**

As Ciências Humanas deverão compreender as relações dialéticas que se estabelecem no conjunto de suas disciplinas para que possam superar a fragmentação e a especialização do modelo colocado pela heterodoxia institucional no conjunto dos saberes que se estabeleceram na sociedade capitalista. Uma ciência que possa colaborar para a construção da cooperação entre os homens e não potencializar a divisão social competitiva entre eles. Uma ciência que possa colaborar

na construção da coesão e da associação livre entre eles, que possa ser capaz de enfrentar os desafios apresentados pelo desenvolvimento das forças produtivas neste início de século.

Para tanto, é sumamente importante uma nova metodologia do conhecimento que consiga fazer com que a compreensão das contradições sociais venha para fora. Não estamos aqui afirmando a “epistemologia da co-emergência” como apregoam pesquisadores da Universidade de Stanford (USA), em recente discussão sobre a interdisciplinaridade (MCLEOD, 2002), mas sim uma inter-relação de saberes com as populações pobres. As populações pobres precisam compreender que a ciência e outras forças capitalistas dominam o saber a seu favor. Não basta possuí-la e dizer a verdade à população. A verdade deverá vir das contradições sociais a serem apreendidas excitantemente por elas próprias.

Expõe Gramsci (1978, p. ):

A elaboração unitária de uma consciência coletiva homogênea demanda condições e iniciativas múltiplas. A difusão de um centro homogêneo é a condição principal, mas não deve e não pode ser só. Um erro muito difundido consiste em pensar que cada estrato social elabora sua consciência e a sua cultura do mesmo modo com os mesmos métodos, isto é, os métodos dos intelectuais de profissão [...].

Trata-se, portanto de elaborar um novo paradigma que permaneça concretamente sobre a base do real e da experiência efetiva da sociedade.

Então, as Ciências Humanas seriam o catalisador deste modelo, cuja perspectiva estaria na adequação entre a teoria e a prática do cientista social. A teoria é o ponto de partida. Ela é a experiência, sem a experiência não haverá verdade, mas uma prática sem a experiência. A teoria e a prática não são, portanto, uma prova. A prova da validade da teoria é teórica, porquanto foi a teoria que desenvolveu a prática teórica. E como a teoria não pode ser senão teoria das práticas efetivas, ela esclarece estas práticas e se torna instrumento de ação. Gramsci entende que a relação teórico-prática deve ser orgânica e não uma restauração da “ida ao povo” ou das “universidades populares” que se apresentam como paternalistas.

Assim, o cientista social deveria reiterar uma empresa teórica das práticas autônomas dos movimentos populares. Os movimentos populares são o *locus* da transformação cultural necessária. Eles expressam a linguagem no seu sentido amplo, não reduzindo à forma escrita ou falada. A questão é saber como se trabalha essa linguagem, pois ser autônomo é ter, entre outras questões, a possibilidade de construir a linguagem adequada ao processo de transformação, é “elaborar a própria concepção de mundo consciente e criticamente....”, em conexão com tal trabalho, participar ativamente na produção da história do mundo, ser guia de si mesmo” (GRAMSCI, 1978, p.,1376), é decodificar os signos e construir uma linguagem necessária aos nossos projetos.

Isto seria elaborar uma nova visão de mundo específica das classes subalternas, liberando-as da racionalidade capitalista. Para tanto a crítica é importante.

Criticar a própria concepção do mundo significa, portanto, torná-la unitária e coerente, e elevá-la ao ponto que atingiu o pensamento mundial mais avançado. Significa, então, mesmo, criticar toda a filosofia até agora existente, enquanto ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular (GRAMSCI, 1978).

Um novo paradigma nas Ciências Humanas nós entendemos que:

Deva inserir-se nas mudanças do modo de pensar das gentes, das crenças e das opiniões. Isto não vem por explosão rápida, simultânea e generalizada, mas quase sempre por combinações sucessivas segundo fórmulas desarticuladas e incontroláveis da autoridade (GRAMSCI, 1978).

Então, Gramsci está dizendo que se pode fazer uma tese sobre a caça e não saber caçar. O caçador porém, para caçar tem que saber. Mas, como ele não sabe falar da caça de um modo pré-determinado por outro, diz-se que ele não sabe caçar. Mas se não soubesse sobre caça, ele não caçaria. Gramsci entende que o saber está intrinsecamente ligado ao fazer, isto é ligado ao mundo do trabalho.

Aqui está a verdadeira interdisciplinaridade e não aquela de que tanto se fala hoje nas universidades. Interdisciplinaridade não é o diálogo

entre as ciências e muito menos uma justaposição de conhecimentos, mas, sim, o diálogo entre saberes. Aqui está a grande questão. Esta tem sua origem na fala. A língua que se fala encerra o conjunto de conhecimento das gentes e de um povo. À medida que se apropria da língua, apropria-se do conhecimento. É por meio da palavra e da língua que se dá nome às coisas.

Desta forma, o intelectual deve estar atento para a troca de saberes. Ele não só comunica, mas também recebe do outro o conhecimento. E com este entendimento, parece que deveríamos reconhecer a inevitabilidade da convivência com a imprecisão de nossas categorias analíticas nas Ciências Humanas e postular o retorno de um intelectual mais crítico e autônomo que possa combater o niilismo “pós-moderno”.

## Referências

- ARISTOTELES. *Metafísica*. Tradução de Francisco Larroyo. México: Editorial Porrúa, 1971.
- BLOCH, E. *El pensamiento de Hegel*. México: Fondo de Cultura Económico, 1949.
- BORON A. *A coruja de minerva*. Petropolis: Vozes, 2001.
- CARDOSO, M. L. O mito do Método. *Revista Humanas*, Porto Alegre, v.23, n.1/2, p.237-262, 2000.
- CHAUÍ, M. USP 94: a terceira fundação. *Estudos Avançados*, São Paulo, n.22, p.49-68, set-dez., 1994a.
- \_\_\_\_\_. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994b.
- COGGIOLA, O. Ciências Humanas: o que são, para que servem. *Universidade e sociedade*, n.28, p.12, 2002.
- FREUD, S. *El malestar em la cultura*. 4.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. t.4. (Obras completas).
- GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*: (a cura de V.Gerratana). Torino: Einaudi, Editore, 1978.
- GUNTHER, H. *Rassebunde des Deutschen Volkes*. Berlin, 1923.
- HEGEL, G.W.F. *Filosofia del espíritu*. Buenos Aires: Ed. Pluma de Oro, 1942.
- HEIDEGGER, M. *In cammino verso il linguaggio*. (acura di). Milano: Mursia, 1990.
- JAMENSON, F. *A cultura do dinheiro*. Petrópolis: Editora Vozes. 2001.
- KOSIK K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- McLEOD, Allegra. Congresso sobre interdisciplinaridade. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 2002. Caderno Mais!, p.5
- O'DONNELL. G. Otra institucionalización. *Agora. Cuaderno de Estudios Políticos*, Buenos Aires, n.5, p.5-27, 1996.
- PAOLI, N.C. Trabalhadores e cidadania. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.3.n.7, p.40-63, set./dez. 1989.
- ROSS., J. *La Marche des idées contemporaines*. Un panorama della modernité. Paris: Armand Colin, 1994.

SOUZA, P.R. Introdução. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília, 1999.

WALLERSTEIN, I. The heritage of sociology. The promise of social science. In: CONGRESSO MUNDIAL DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE SOCIOLOGIA, 14., 1998. *Mensaje presidencial...* Montreal, 1998.

WEBER, M. *Ciência e política*. Duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1972.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus lógico-philosophicus*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1968.

### Abstract

This paper presents the discussion that was carried out with a student group of the project "Pressupostos ontológicos do modelo de convivência anarquista no rompimento do paradigma da ciência contemporânea". The group formed by the authors of this text, that concerns to human science and it had with background the development of the capitalism. It takes at the science its discontinuous model. The unit about the nature's science and science of spirit isn't in its specificity, but in the form of comprehension of the man, in order to take the different knowledge with go out its specificity.

**Key-words:** model dialectic; autonomy; knowledge